

Escola Pública: A liberdade como princípio, a liberdade como fim

«Como todo o bom governo, o bom professor disciplina, mas não paralisa as vontades, não escraviza, emancipa» (Bernardino Machado, 1904).

A escola pública tem a liberdade como princípio e como fim. Num país tão frágil como Portugal, tem sido, apesar de todas as suas deficiências, um elemento de progresso e de futuro. Num país tão desigual como Portugal, tem constituído uma base importante de coesão social. Num país tão dependente como Portugal, tem promovido a cultura e a ciência, desprendendo-nos pouco a pouco da civilização em segunda mão «que nos vem em caixotes pelo paquete» (Eça de Queirós).

• *A liberdade que é igualdade.* A escola pública representa, historicamente, um lugar da igualdade de oportunidades. Aqui se travaram as lutas históricas pela escolaridade obrigatória, libertando as crianças e os jovens de um destino que, muitas vezes, os empurrava para a ignorância e para o trabalho precoce. Graças à escola pública, o sonho de uma «educação para todos», que pareceu impossível a tantas gerações, tornou-se realidade.

• *A liberdade que é diversidade.* A escola pública é, por definição, um lugar da diversidade. Nela, como diz João dos Santos, estão presentes todas as crianças de todas as famílias «qualquer que seja o seu cheiro, forma, encadernação ou linguagem». Não há melhor instituição para aprender a palavra e o diálogo, para aprender a conviver, a viver com os outros.

• *A liberdade que é aprendizagem.* Não basta uma «escola para todos», precisamos de uma «escola onde todos aprendam». Há muitos que se contentam com o «sucesso parcial» de alguns. Mas a nossa ambição tem de ser infinitamente maior. O compromisso com a aprendizagem de todos é a marca de água da escola pública.

Ficam aqui três liberdades que definem a escola pública. Ainda é longo o caminho para que elas se cumpram plenamente. Mas, se ignorarmos o que já foi feito, perdemos a memória e o sentido da viagem. Estas liberdades, que estão na origem da escola pública, completam-se com três outras liberdades.

• *A liberdade que é participação.* Muitos entendem que a democracia deve parar à porta da escola. Mas não. A escola pública tem de habituar as crianças, como queria António Sérgio, «à acção municipal, à própria vida da cidade, ao exercício dos futuros direitos de soberania e de *self-government*». É por isso que falamos de uma «escola democrática», onde professores e alunos, obviamente com estatutos diferentes, cooperam no trabalho escolar.

• *A liberdade que é autonomia.* Pouco avançaremos se não construirmos uma liberdade de iniciativa e de organização das escolas, que rompa com a rigidez, a burocracia e o centralismo. «Não somos uma corporação, não é a um espírito de corpo que aspiramos. Constituimos antes um colégio colaborante, onde em comum trabalhamos sobre as nossas obras» (Sérgio Niza). Precisamos de construir propostas pedagógicas coerentes e inovadoras, de avançar na organização de escolas diferentes com diferentes projectos educativos.

• *A liberdade que é criação.* A escola é cultura, e não há cultura sem criação. A cultura é o que nos une numa herança comum, mas é também o que nos permite sair de nós mesmos e aceder a outros mundos. Educar é transmitir e, por isso, a primeira palavra pertence ao professor. Mas não há educação sem criação e, por isso, é tão importante a cultura científica e artística que permite a cada um inscrever uma palavra nova no mundo.

Três liberdades e mais três. A liberdade é um substantivo, mas é também um verbo de acção. A escola pública tem de saber repensar-se, renovar-se, abrir-se.

Em primeiro lugar, repensando-se no espaço público. Há mais educação para além da escola. Hoje, precisamos de reforçar os laços entre a escola e a sociedade e assim renovar um compromisso social em torno da educação. É uma mudança decisiva, que exige uma efectiva capacidade de decisão das pessoas, das autarquias e das instituições no interior deste espaço público da educação. Não gosto muito

da metáfora das «cidades educadoras», mas é a que melhor ilustra a dimensão de partilha e de co-responsabilização que marca a educação nas sociedades contemporâneas.

Em segundo lugar, renovando-se como «coisa pública». A escola não é um «serviço» ou uma «mercadoria», é uma instituição da *res publica*. Quando se compara a escolha da escola com a escolha das malas, dos sapatos, do jornal, do carro ou da casa, como já se escreveu, perde-se todo o sentido, social e cultural, individual e colectivo, do acto de educar.

Em terceiro lugar, abrindo-se ao futuro. Vivemos um tempo de profunda mudança geracional, em grande parte pela forma como o digital está a transformar as vidas das crianças e dos jovens. Michel Serres diz mesmo que, nas últimas décadas, nasceu «um novo ser humano que vive, pensa, comunica e... aprende de maneira totalmente diferente». Os edifícios escolares vão desaparecer ou, pelo menos, vão transformar-se radicalmente. Os tempos escolares vão ser organizados de modo totalmente diferente. O trabalho dos professores vai sofrer alterações profundas. A escola pública tem de estar à altura desta revolução da aprendizagem que está a acontecer debaixo dos nossos olhos e perante uma certa «indiferença» da nossa parte.

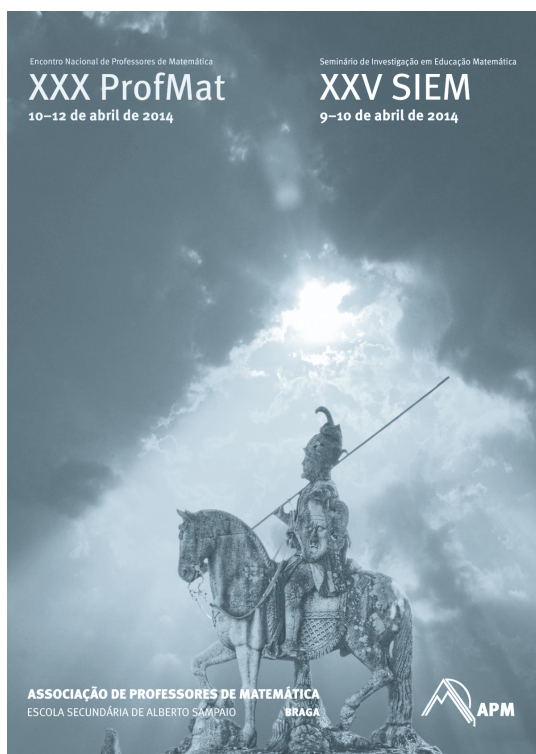
A escola pública tem de ser, cada vez mais, um espaço de liberdade. Hoje, as sociedades têm um nível de educação, instituições culturais e científicas e meios tecnológicos que permitem concretizar o sonho, que muitos outros sonharam antes de nós, de uma escola que é

Igualdade
Diversidade
Aprendizagem
Participação
Autonomia
Criação

A liberdade tem uma característica única e singular: só existe em mim se existir também nos outros. Não posso ser livre se os outros viverem sem liberdade. A escola pública é o lugar da liberdade, de todos e não apenas de alguns. A liberdade como princípio. A liberdade como fim.

ANTÓNIO NÓVOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

XXX ProfMat • XXV SIEM • 2014



Nos dias 10, 11 e 12 de abril de 2014 a Associação de Professores de Matemática realiza em Braga um dos seus mais significativos eventos: o ProfMat. Será o 30º ProfMat numa cadeia de vinte e nove anos ininterruptos de encontros. Nos dias 9 e 10 realiza-se o 25º SIEM num feliz reencontro destas duas realizações que favorecem e substanciam a relação sempre por nós procurada entre a investigação e a prática letiva.

No ProfMat de 2014 temos muitas razões para nos encontrarmos. Encontramo-nos para refletir e debater, para trocar experiências e dúvidas, logros e dificuldades. Para aprender, sempre. E para não desistirmos, nunca. Encontramo-nos para rever amigos antigos e recentes e para conhecermos novos.

E para continuarmos a fazer da APM um lugar de pertença e de referência na nossa tarefa educativa, no nosso empenho em melhorarmos enquanto professores de Matemática, na nossa responsabilidade de intervirmos e fazermos ouvir a nossa voz em relação às políticas educativas que afetam o ensino da Matemática em particular e a qualidade do ensino público, de todos os níveis, em geral. Muitas razões para nos encontrarmos em Braga. Por isso estaremos lá.

Nota: Toda a informação relativa a prazos, valores, promoções e acreditação da formação em http://www.apm.pt/encontro/profmat_2014_siem onde poderá também efetuar a sua inscrição.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

EDITORIAL
António Nóvoa
EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA